

FONTE : ST

CLASS. : 21

DATA : 14 4 89

PG. : 4

## Vendendo uma Amazônia fabricada para exportação

Desfrutando de um invejável padrão de vida, muito bem nutridas e alojadas, as sociedades do Primeiro Mundo pós-industrializado parecem sofrer em maior ou menor grau de um sentimento algo raro abaixo do Equador: o tédio. Para rompê-lo, nada melhor que o exotismo. E a julgar pelas notícias procedentes de Paris, dificilmente os telespectadores franceses se entediaram na noite de quarta-feira quando a dupla Raoni-Sting, promovendo uma verdadeira e caprichada pajelança a pretexto de "preservar a Amazônia", serviu-lhes um prato mais que cheio de exotismo em cores.

Nada faltou, em matéria de exótico. O cacique apresentou-se paramentado com o batoque que amplia consideravelmente as proporções de seu lábio inferior que, movimentado, deve ter causado grande **frisson** entre os telespectadores de dois canais da TV francesa. Os promotores da pajelança não esqueceram nem mesmo de paramentá-lo com um belo cocar de penas brancas, azuis e vermelhas — afinal, os franceses estão comemorando este ano o bicentenário da Revolução — nem de instruí-lo para dirigir um apelo comovente, ainda que enigmático, aos cultores do exotismo amazônico: **Edenu, edenu**. Não, não se tratava de uma fórmula mágica do misterioso personagem, como explicou um locutor-intérprete de plantão. O que o pajé queria dizer era **Aidez-nouz**, o que deve ter calado fundo na alma generosa dos franceses. E mais ainda sua profecia científica: "Quando as folhas acabam num vai se só índio que vai acabar, branco também vai acabar..." Já de se imaginar a comoção produzida. Num segundo programa de televisão, **Sacrée Soirée**, muito semelhante aos de Sílvio Santos no Brasil, Raoni foi apresentado como pajé, mágico e feiticeiro. E o apresentador encarregou-se de produzir um autêntico pajé **sioux**, especialmente importado dos Estados Unidos, Red Crow, que benzeu com fumaça de seu cachimbo — evidentemente da paz — o irmão vermelho brasileiro, suscitando os aplausos do auditório.

Sting não ficou atrás nem deixou por menos, fazendo uma exposição no melhor estilo roqueiro para apresentar aos franceses suas previsões sobre o destino da Amazônia. Primeiro exibiu um grande mapa de todo o território brasileiro, datado, segundo ele, de 1900. O mapa estava totalmente coberto de verde. No segundo mapa que apresentou às câmaras, e que corresponderia à atualidade, restava apenas uma grande mancha verde, que representava a Amazônia. No terceiro, totalmente amarelo, o Brasil era apresentado como uma espécie de Saara, em que se converterá — segundo o próprio Sting — no início do próximo século, a menos que providências urgentíssimas sejam tomadas para a preservação da fauna, flora e população do nunca por demais lembrado "pulmão verde do mundo", tão caro aos ecoideologistas.

E a grande promoção destinada a **epater** os entediados franceses não ficou nisso. Boa parte do semanário **Paris Match** foi reservada à dupla. Enquanto o roqueiro-cientista faz a promoção de **Mata Virgem**, a ser editado por Jean-Claude Lattés, da Hachette — o mesmo editor que brindou o presidente José Sarney com uma safra de seu vinho, o **Clos Mirabeau** —, Raoni posava para o semanário, devidamente equipado com arco e flecha, ao lado da nova pirâmide de vidro do Louvre e passeando por uma floresta — ou o que é uma floresta para o gosto europeu — nas proximidades de Paris. A importância atribuída à promoção foi tão grande que o encontro entre Raoni e o presidente François Mitterrand chegou a ser antecipado para preservar a exclusividade de transmissão dos programas de televisão com que os franceses foram brindados. Nesses programas, Raoni e Sting contaram também com a valiosa ajuda de comentaristas apresentados como especialistas em questões amazônicas. Um deles, contrariando o presidente Sarney, que só admite 5%, garantiu que pelo menos 8% da Amazônia brasileira, área que corresponderia ao território francês, já foi transformada em cinzas e fumaça.

A manipulação e a desinformação vão longe nesse espetáculo cuidadosamente montado para superar a barreira de tédio do Primeiro Mundo. E tem encontrado receptividade: é fácil vender a imagem amazônica projetada pelos ecoideologistas.

Trata-se apenas de uma questão de técnica, agora aperfeiçoada e já exposta pelo escritor peruano Mário Vargas Llosa, que ilustrou exemplarmente o fenômeno das fantasias exóticas que fascinam particularmente os intelectuais nas nações pós-industrializadas: eles simplesmente vêm e ouvem o que querem ouvir e ver. "Na realidade", diz Vargas Llosa, referindo-se especialmente aos exotismos importados da América Latina, "eles se interessam por uma região fictícia, na qual projetam certos apetites ideológicos que a realidade de seus países não permite materializar, essas convicções que a vida que vivem desmente diariamente. A compensação de suas frustrações é esse outro mundo, o nosso, para o qual se voltam a olhar, para que lhes mostre sempre o que querem ver, como o espelhinho mágico da rainha malvada da Branca de Neve..."

É bem possível que o cacique Raoni, com seu batoque, cocar, arco e flecha, não se dê conta de que está sendo usado com o propósito de ajudar o público do Primeiro Mundo e seus intelectuais frustrados a reforçar preconceitos e apetites ideológicos que a prosperidade capitalista de seus países não permite saciar. Outros, como Sting e os profissionais franceses de comunicações, evidentemente não são tão inocentes quanto o pajé e têm seu peixe — a comercialização do que seria o problema amazônico — a vender a bom preço.

A coisa é tão lucrativa que permite uma longa temporada da nova atração do **show** — Raoni — numa suíte do **George V**.

Resta apenas saber até quando haverá clientes interessados na ecoideologia e na forma específica de exotismo que é agora o **dernier-cri** em França, como produto da mais rasteira conjunção de deliberada falsidade com a indústria **pop**, tendo por pano de fundo uma Amazônia fabricada sob medida para romper o tédio dos primeiromundistas que, como observou recentemente o nosso Lula da Silva, chega a ser tão mortal quanto a fome entre os **sauvages de la bas** ...